

Paulo Prado

RETRATO DO BRASIL

ENSAIO SOBRE A TRISTEZA BRASILEIRA

Organização

Carlos Augusto Calil

10ª edição, revista e ampliada



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1997, 2011 by Herdeiros de Paulo da Silva Prado
Copyright da introdução e notas © 1997, 2011 by Carlos Augusto Calil
Copyright dos textos do Apêndice © dos autores ou seus sucessores

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Elisa v. Randow

Imagem de capa

Anita Malfatti. *A onda*. Óleo sobre tela, 1915-17. 26,5 × 36 cm. Coleção particular, Rio de Janeiro. (Ex-coleção Paulo Prado). Reprodução: Instituto Anita Malfatti

Imagens

Coleção Carlos Augusto Calil. Reprodução de Jorge Bastos/ Motivo
Caricatura de Paulo Prado por Di Cavalcanti

Preparação

Amelinha Nogueira

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Carmen T. S. Costa

Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prado, Paulo, 1869-1943.

Retrato do Brasil : ensaio sobre a tristeza brasileira / Paulo Prado ; organização Carlos Augusto Calil. — 10ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2022-2

1. Brasil – Civilização 2. Brasil – História 3. Características nacionais brasileiras 4. Ensaio brasileiro 1. Calil, Carlos Augusto.
ii. Título.

11-14482

CDD-981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : História social 581

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução	7
----------------------	---

RETRATO DO BRASIL

Nota do autor à quarta edição	35
1. A luxúria	39
2. A cobiça	64
3. A tristeza	90
4. O romantismo	113
Post-Scriptum	126

APÊNDICE

Cartas	147
Resenhas	152
Críticas à quinta edição (1944) e sucessivas	183

Retratos do autor.	234
Outros retratos do Brasil.	275
Notas do organizador.	320
Fortuna crítica.	359
Bibliografia sobre Paulo Prado.	366
Sobre o autor.	370
Índice remissivo.	381

1. A luxúria

Numa terra radiosa vive um povo triste. Legaram-lhe essa melancolia os descobridores que a revelaram ao mundo e a povoaram. O esplêndido dinamismo dessa gente rude obedecia a dois grandes impulsos que dominam toda a psicologia da descoberta e nunca foram geradores de alegria: a ambição do ouro e a sensualidade livre e infrene que, como culto, a Renascença fizera ressuscitar.

Dessa Renascença surgira um homem novo com um novo modo de pensar e sentir. A sua história será a própria história da conquista da liberdade consciente do espírito humano. É assim que a volta ao paganismo, se teve um efeito desastroso para a evolução artística da humanidade, que viu estancada a fonte viva da imaginação criadora da Idade Média, é assim que o retorno ao ideal antigo teve como melhor resultado o alargamento, para assim dizer, das ambições humanas de poderio, de saber e de gozo.

Neste anseio os povos da época se sentiam abafados e peados na vida estreita da Europa. Era preciso alterar — na terminologia

nietzschiana — o sinal negativo que o cristianismo inscrevera diante do que exprimia fortaleza e audácia. Guerra aos fracos, guerra aos pobres, guerra aos doentes. Abrir as portas da prisão ocidental. Substituir à Obediência a Vontade individualista. [◇] Dissipar as constantes e aterrorizadoras preocupações da Morte e do Inferno — medo de Deus e medo do Diabo — que tanto torturavam os espíritos cristãos.

A era dos descobrimentos foi o resultado desse movimento de libertação. Dilatava o mundo de que dois terços ainda não eram conhecidos e exaltava a vida física, como mais tarde a Revolução Francesa foi a exaltação da vida intelectual, arrogante e independente. Às navegações comerciais dos venezianos, genoveses e catalães seguiam-se outras mais audaciosas, abrindo novos céus e terras. As lendas, ainda romanas, das sonhadas ilhas do ouro e da prata, mudando de lugar como fogos-fátuos, atraíam sempre para mais longe outros povos marítimos. “*Andando más más si sabe*”, dizia Colombo. Os livros de Marco Polo e Mandeville despertavam no ânimo dos aventureiros novas ambições de conquista, o amor ao mistério das regiões desconhecidas, a curiosidade do maravilhoso, o reaparecimento do espírito das cruzadas.

Recomeçava na história do mundo o misterioso impulso que de séculos em séculos põe em movimento as massas humanas, após os longos repousos em que as civilizações nascem, se desenvolvem e morrem. Mais uma vez, nesse movimento de fluxo e refluxo, a inquietação migratória tomaria o aspecto de imperialismo econômico e comercial. Em procura de ouro, que já escas-

[◇] Contra essa tendência revoltada se formou a Companhia de Jesus, tendo como uma das suas bases fundamentais a Obediência. É o que explica a longa luta dos colonos no Brasil contra os jesuítas. Por sua vez a Companhia é bem do seu tempo, quando preconiza a Ação como um ideal inaciano.

seava, italianos, portugueses, espanhóis, holandeses, ingleses, franceses, lançavam-se a porfia pelos novos caminhos marítimos. O Oriente esgotara as reservas europeias de metais preciosos e pedrarias. Para refazer a riqueza perdida voltavam-se os povos do Ocidente para os mesmos tesouros e minas da Ásia e da África. Por toda a parte se buscava o metal onipotente.

Ao voltar Colombo de sua primeira viagem, a Europa ansiosa, pela voz de Pedro Mártir d'Anghiera,² indagou logo se trouxera ouro. Essa febre invadia todos os espíritos, alvoroçados pelo deslumbramento das descobertas. Os homens, a quem o Renascimento revelara o prazer de viver, lançavam-se com a energia da época aos mais arriscados empreendimentos na esperança de fortuna rápida. A conquista sanguínea da América espanhola é dominada por essa paixão frenética. Rio da Prata,³ Rio do Ouro, Castela do Ouro, Costa Rica, Porto Rico, assim se batizavam as terras que os conquistadores desvendavam ao mundo atônito. “*Io no vine aqui para cultivar la tierra como un labriego, sino para buscar oro*”,* escrevia Cortez. Nas narrativas de Oviedo,⁴ em duas páginas e meia aparecem 45 vezes as palavras *oro* e *dorado*, numa insistência de maníaco. E ao saudar o Gama em Calicute, grita-lhe, alvissareiro, o Monçaide:⁵ “Boa ventura, boa ventura, muitos rubis, muitas esmeraldas, muitas graças deveis de dar a Deus: porque vos trouxe à terra onde há toda a especiaria, pedraria e toda a riqueza do mundo”.[◇] Era por toda a parte a mesma fascinação diante das riquezas reais ou fabulosas que prometiam as terras novas. Era a preocupação,

*Eu não vim aqui para cultivar a terra como um camponês, mas para buscar ouro.

◇ [Fernão Lopez de] Castanheda, *História do descobrimento e conquista da Índia*, [2ª ed. Lisboa: Tip. Rollandiana, 1833], livro I, cap. xv [pp. 50-1].

confessada ou disfarçada, da *auri mortifera fames** de que falava Pedro Mártir. Ouro. Ouro. Ouro.

Nessa atmosfera de heroísmo ideal e de impaciente ambição e com pompa desusada, partiu do Restelo em março de 1500 a esquadra de Pedro Álvares. Ao fundear diante do Caió baiano, em frente à serraria azul do litoral, a expedição teve a visão de uma vida paradisíaca, com a verdura do país tropical e a pujança pululante da terra virgem. A carta de Caminha, na sua idílica ingenuidade, é o primeiro hino consagrado ao esplendor, à força e ao mistério da natureza brasileira. Nas suas tintas vivas e frescas de painel primitivo — que já se comparou a um Memling —⁷ percebe-se o encantamento do maravilhoso achado que surgia diante dos navegantes depois da longa e incerta travessia. Dezenas de anos mais tarde ainda deixava a Gândavo uma deliciosa impressão de paraíso: “toda está vestida de mui alto e espesso arvoredo, regada com águas de muitas e mui preciosas ribeiras de que abundantemente participa toda a terra: onde permanece sempre a verdura com aquela temperança da primavera que cá nos oferece Abril e Maio”.⁸

O encontro do europeu, ao sair da zona temperada, com a exuberância de natureza tão nuançada de força e graça, foi certamente a culminância da sua aventura. Colombo, no seu diário, em 21 de outubro, registra a impressão de deslumbramento diante do esplendor tropical, do cantar dos pássaros, dos bandos de papagaios, “que escureciam o sol”, das árvores de mil espécies, dos frutos desconhecidos. Pero Vaz foi, para nós, o cronista do maravilhoso achado. No Brasil, a mata cobria as terras moles da bacia amazônica, e a partir da barra do São Francisco, depois das dunas e mangues do Nordeste, seguia o litoral até muito além do Capri-

*“Fome mortífera de ouro”, possível corruptela de *auri sacra fames*, locução da *Eneida* de Virgílio, tomada proverbial, que quer dizer “fome maldita de ouro”.

córnio para terminar nas praias baixas do Rio Grande. Oferecia um obstáculo formidável para quem a queria penetrar e atravessar, como que exprimindo a opressiva tirania da natureza a que dificilmente se foge no envolvimento flexível e resistente das lianas. Compacta, sombria, silenciosa, monótona na umidade pesada, abafa, sufoca e asfixia o invasor, que se perde no claro-escuro esverdeado de suas profundezas. Stanley,⁹ no sertão da África Central, já notara na floresta tropical a enormidade, a falta de proporção em relação visível com a humanidade, que caracteriza essas solidões misteriosamente habitadas.

Na zona equatorial do Brasil o clima constantemente úmido e quente desenvolve uma força e violência de vegetação incomparável. É a Hileia amazônica, cobrindo de arvoredo a maior extensão de terras do universo, mais de 3 milhões de quilômetros quadrados. Nela, os sentidos imperfeitos do homem mal podem apanhar e fixar a desordem de galhos, folhagens, frutos e flores, que o envolve e submerge. Da confusão sobressaem os troncos da seringueira, da sapucaia, do pau-d'arco, da maçaranduba — a árvore do leite —, do bacuri, pelos quais às vezes sobe o caule flexível da jacitara, palmeira enredida, à procura da claridade do céu. A vegetação eleva-se por andares, atingindo quarenta a sessenta metros de altura, enlaçando-se aos troncos os cipós e parasitas, em luta pela vida, como num espaço demasiadamente povoado. Pela costa do Atlântico a mata, aproveitando o acidentado do solo e a umidade condensadora dos ventos gerais de sueste, excede em beleza e pujança à própria floresta equatorial. É o mesmo emaranhado hostil de lianas, trepadeiras e orquídeas, mas na submata as urticáceas, espinhos, samambaias tolgem ainda mais o andar do homem, que só vence a vegetação a golpes de facão. As madeiras preciosas, pelo refinado da qualidade e pela multiplicação das espécies, são superiores às da Hileia: assim os jacarandás, por exemplo, se desdobram numa variedade infindável — o jacarandá-

-preto, jacarandá-rosa, jacarandá-roxo, jacarandá-de-espinho, jacarandatã, jacarandá-violeta, jacarandá-mocó, jacarandá-banana. É a mata do pau-brasil que deu o nome à terra, e do seu maciço verde-escuro alça-se a galhada do jequitibá, igual à dos veados, acima dos finos palmitos e das imbaúbas de prata. O chão é um tapete de flores caídas, de todos os tons, desde o amarelo-escuro, do vermelho-rubro, do cor-de-rosa, até o lilás, o azul-celeste e o branco alvíssimo. Variando com as estações, ponteiam a tapeçaria de verdura e o roxo da flor-da-quaresma ou o ouro vivo do ipê. Pela encosta acima a floresta avança para o interior, numa faixa superior a duzentos ou trezentos quilômetros, como no rio Doce, onde vai alcançar o segundo planalto, já na serra do Espinhaço.

Habita o vastíssimo território a mais variada fauna, tão extensa como a própria flora. Representam-na como tipos característicos as dezenove espécies de edentados: tatus, preguiças e tamanduás. Pássaros, das mais vistosas plumagens — com as suas 72 espécies de papagaios, araras, periquitos e maitacas —, com os seus tucanos, beija-flores, e bandos de borboletas, acordam e animam o silêncio da mata feito de mil ruídos de insetos. Nos primeiros tempos, cardumes de baleias frequentavam a miúdo as praias e recôncavos da costa: das janelas do Colégio da Bahia os jesuítas as avistavam “saltando tantas e tão grandes, que era para ver”.¹⁰

Mais para dentro, além da antecâmara suntuosa da floresta, se estendia a vastidão da terra desconhecida — caatingas, catanduas, cerrados, cerradões, carrascos, campos gerais, pantanais —, donde desciam ou se afundavam pelos sertões os largos rios, cheios de promessas misteriosas, convergindo nas três grandes bacias do Amazonas, do Prata, e na do oceano Atlântico, em que avultam o Parnaíba e o São Francisco. Por esse interior, em Minas, Goiás, Mato Grosso, São Paulo e todo o Sul, recomeçava a mata aproveitando os grandes acidentes de relevo, o paredão do planalto, a umidade das cabeceiras, as condensações frequentes.

Águas e matas foram a surpresa e o encanto dos descobridores. Da beleza das paisagens não cuidavam. Não era, nem do tempo nem da raça, o amor à natureza. Camões não soube ver e apreciar os encantos da vegetação tropical: só o interessavam as especiarias e os produtos comerciais. Humboldt¹¹ nota que na sua ilha encantada só descreve plantas europeias.♦ A mesma indiferença ou incompreensão é notável nos que aqui primeiro enfrentaram a terra recém-achada. Pigaffeta,¹² durante a sua estadia no Rio de Janeiro na frota de Magalhães, apenas regista no seu diário o excessivo calor. Martim Afonso e Pero Lopes não se deixaram seduzir pelo magnífico anfiteatro da baía do Rio: foram mais ao sul aproveitar para a vila que fundaram a velha feitoria de traficantes de escravos escondida num recanto da abra de São Vicente. Além de Vespucci — muito da sua pátria e da sua época —, raros são, nesse duro século XVI, os que como Tomé de Sousa ♦♦ e Fernão Cardim¹³ sentiram o encanto da Guanabara. Mas todos sofriam a sedução dos trópicos, vivendo intensamente uma vida animal e bebendo com delícia um ar como que até então irrespirado.

Nos capuchinhos de La Ravardière,¹⁴ já tocados pelo humanismo da Renascença rabelaisiana, ao começar o século XVII e ao pisarem o solo ardente do Maranhão, vamos, porém, encontrar a revelação desse mundo novo, com o qual nunca tinham sonhado nas células tristes do seu convento de Paris. Frei Claude d'Abbe-

♦ [Friedrich Heinrich Alexander von] Humboldt, *Cosmos [Essai d'une description physique du monde]*, trad. Ch. Galusky. Paris: Gide et J. Baudry, 1855], vol. II [p. 67].

♦♦ “Eu entrei no Rio de Janeiro que está nesta costa na capitania de Martim Afonso 50 léguas de São Vicente e 50 do Espírito Santo, mando o debuxo dela a V. A. mas tudo é graça o que se dela pode dizer senão que pinte quem quiser como deseje um Rio isso tem este de Janeiro”, Tomé de Sousa, “Carta de 1º de junho de 1553” [em *História da colonização portuguesa do Brasil*, vol. III: *A colonização*, coord. lit. Carlos Malheiros Dias. Porto: Litografia Nacional, 1921, p. 365].

ville,¹⁵ por exemplo, ao contrário das apreensões da partida, descobria no Maranhão uma natureza sorridente e acolhedora. “*Si estant là vous avez un contentement non pareil regardant en terre de voir la diversité de tant d’animaux au milieu de la verdure qui y est en tout temps, vous n’avez pas moins de plaisir levant les yeux en haut. Vous voyez divers arbres tous couverts de Mones et de Guenons de diverses sortes sautant d’arbres en arbres avec une dextérité et agilité admirable, faisant mille et mille singeries comme s’ils vouloient vous donner du plaisir.*” Árvores havia, escreve o frade, “*pleins d’oiseaux parmi les fruits et les fleurs gazouillans en tout temps comme font ici les nôtres en un beau Printemps tous de divers plumages, si beaux et si agréables que les Princes et les Seigneurs les tiennent bien chers par deçà*”.*

Yves d’Évreux,¹⁶ companheiro e continuador de frei Claude, não se furtou também ao enlevo que lhe produzia a nova terra. Além de artista, com um vivo e espontâneo sentimento do pitoresco, era também naturalista minucioso e exato. Passava horas deitado em plena mata, imóvel, a espreitar a vida arisca dos animais e insetos, desde a onça que corre atrás da própria cauda “*en tournoiant, tout ainsi que vous voyez faire aux petits chats quand ils sont au milieu d’une sale tournoians pour atteindre le bout de leur queue [...] Quand elles voient ou entendent que les Guenons*

*“Quem lá se encontra sente incalculável prazer ante a diversidade de animais no meio da verdura permanente, e, em erguendo os olhos para o céu, tem igual satisfação. No alto das árvores andam os macacos de diversas espécies, saltando de galho em galho com destreza e agilidade admiráveis e fazendo mil trejeitos como para agradecer-nos.” Árvores havia, escreve o frade, “repletas de pássaros gorjeando entre frutos e flores como os nossos na primavera; todos têm linda e variada plumagem e são tão bonitos e vistosos como entre nós somente os príncipes e senhores possuem iguais, pagos a bom preço”. Trad. Sérgio Milliet para a edição publicada pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, em 1945, cap. xxxvii: “Da beleza da ilha do Maranhão e circunvizinhanças”.

sont en quelque lieu assemblées elles vont bellement, le ventre contre terre, comme font les chats quand ils veulent prendre une Souris”, até os vaga-lumes, riscando luminosamente a noite escura, Deus os tendo provido “*d’un flambeau quelles [les Mouches de nuit] portent devant et derrière elles*”.*

À admiração do bom capucho nem escapava a nudez escandalosa das índias do Maranhão. Os seus olhos — confessa — não se cansavam das linhas harmoniosas dos corpos nus que a civilização não aviltara. Era esse certamente o paraíso bíblico, que já Colombo entrevira nas maravilhas do Orinoco. Ou não estaria longe, como afirmava Vespucci.¹⁷

Paraíso ou realidade, nele se soltara, exaltado pela ardência do clima, o sensualismo dos aventureiros e conquistadores. Aí vinham esgotar a exuberância de mocidade e força e satisfazer os apetites de homens a quem já incomodava e repelia a organização da sociedade europeia. Foi deles o Novo Mundo. Corsários, flibusteiros, caçulas das antigas famílias nobres, jogadores arruinados, padres revoltados ou remissos, pobres-diabos que mais tarde Callot¹⁸ desenhou, vagabundos dos portos do Mediterrâneo, anarquistas, em suma, na expressão moderna, e insubmissos às peias sociais — toda a escuma turva das velhas civilizações, foi deles o Novo Mundo, nesse alvorecer. Franceses no Canadá, holandeses em Nova York, ingleses na Carolina, Virgínia e Maryland, caste-

*“Voltando-se para apanhá-la, e correndo para o mesmo fim, como fazem os gatinhos no meio de uma sala, divertindo-se cada um com o rabinho [...] Quando veem ou ouvem que os macacos estão reunidos em qualquer lugar, vão sorrateiramente arrastando a barriga pelo chão, como fazem os gatos quando querem agarrar algum ratinho”, até os vaga-lumes, riscando luminosamente a noite escura, Deus os tendo provido “de uma luz, que trazem adiante e atrás”; *Viagem ao Norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614, pelo padre Yves d’Évreux*, trad. dr. César Augusto Marques, publicada no Maranhão (Tip. do Frias) em 1874, pp. 168, 173, 175.

lhanos nas Antilhas, Nova Espanha, América Central e Pacífico, portugueses e ainda espanhóis, franceses e flamengos no Brasil, todo o continente se povoou desses adventícios violentos e desabusados. Rapidamente, pelo cruzamento ou pela adaptação, se transformavam em “vaqueanos” e *rastreadores** da América espanhola, em *coureurs des bois*** dos desertos do Norte, no tapejara e no mamaluco¹⁹ bandeirante da colônia portuguesa.

Nas praias dos mares desconhecidos desciam venerados como deuses pelo aborígene inofensivo, deuses vindos do céu de outro mundo, à procura de ouro. † Orellana,²⁰ nas margens do Amazonas, aparecia ao gentio como “filho do sol” e antes, nas terras do Sul, os índios se mostravam sempre dispostos a embarcar com os europeus, acreditando que iam para o Céu, refere a *Gazeta Alemã*,²¹ de 1514.

No Brasil, logo nos anos que se seguiram ao descobrimento, se fixaram aventureiros em feitorias esparsas pelo litoral. Eram degredados que abandonavam nas costas as primeiras frotas exploradas, ou naufragos, ou gente mais ousada desertando das naus, atraída pela fascinação das aventuras. Dessa gente, raros eram de origem superior e passado limpo — na proporção de um por dez, talvez. “*De baja manera y suerte*”,*** de “*linajes oscuros y bajos*”,**** informam os cronistas castelhanos.

*Rastejadores.

**Mateiros, ou picadores de mato, do Canadá.

† [Na “Informação do Brasil, e de suas capitanias”] escrita da Bahia em 1584, e atribuída ao padre Anchieta, se diz que a palavra “Caraíba quer dizer cousa santa ou sobrenatural; e por esta causa puseram aos Portugueses este nome, logo quando vieram, tendo-os por cousa grande, como do outro Mundo, por virem de tão longe por cima das águas”; *Revista [Trimensal de História e Geografia ou Jornal] do Instituto Histórico [e Geográfico Brasileiro]*. Rio de Janeiro, 1844], t. VI [p. 433].

***De origem e condição inferiores.

****Linhagens obscuras e inferiores.